AMOR TOWLES

intrínseca

A ESTRADA LINCOLN

Do autor de

UM CAVALHEIRO EM MOSCOU

AMOR TOWLES

A estrada Lincoln

TRADUÇÃO DE REGINA LYRA

intrínseca

Copyright © 2021 by Cetology, Inc.

TÍTULO ORIGINAL
The Lincoln Highway

COPIDESQUE
Isabela Sampaio

REVISÃO
João Sette Câmara
Cristiane Pacanowski

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

MAPA DAS PP. 6-7
Alex Coulter

FOTO DA P. 274
Foto de Edward Hausner/The New York Times/Redux

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T671g

Towles, Amor, 1964-
A estrada Lincoln / Amor Towles ; tradução Regina Lyra. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
576 p. ; 23 cm.

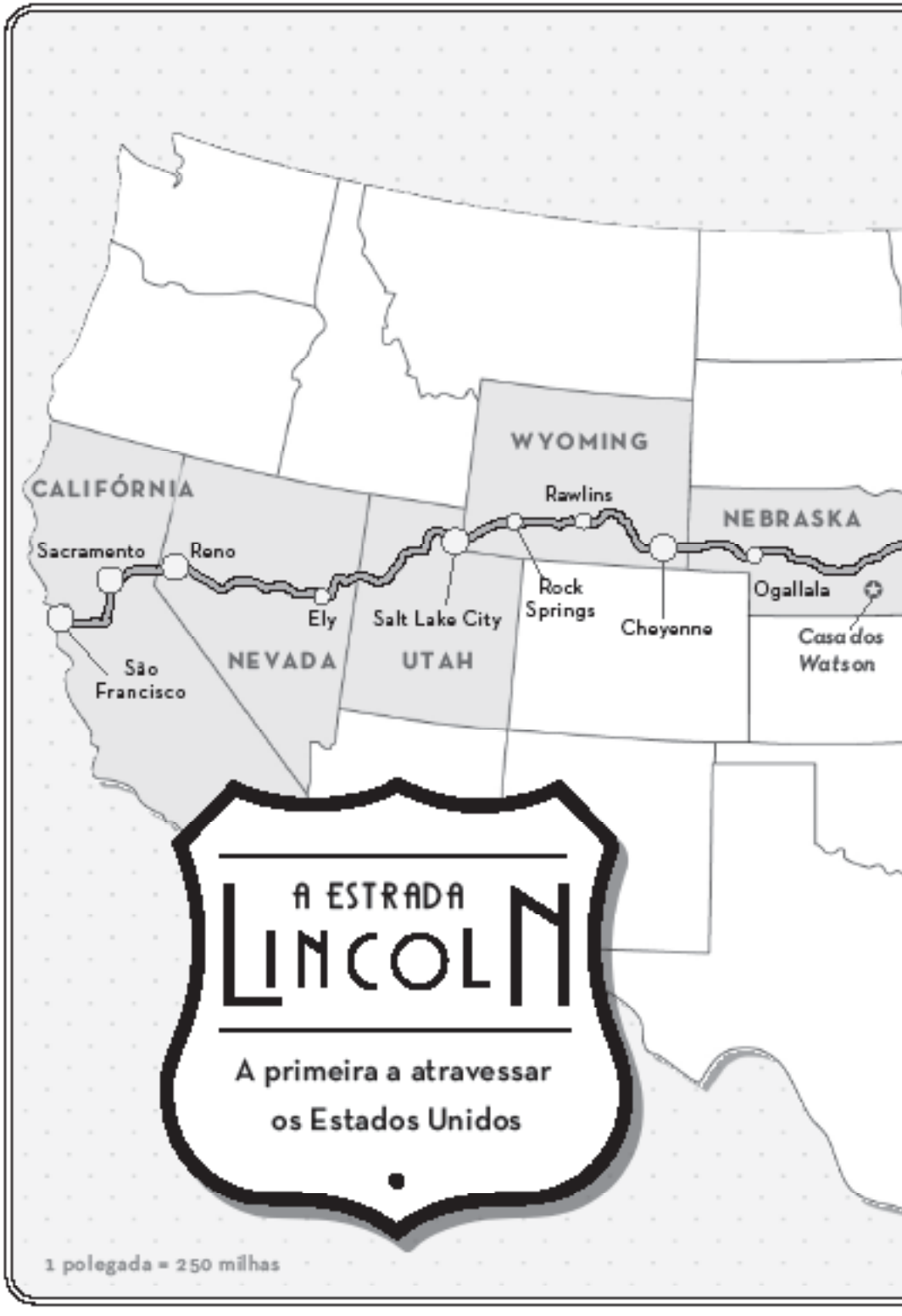
Tradução de: The Lincoln Highway
ISBN 978-65-5560-504-4
ISBN 978-65-5560-592-1 [*c.i.*]

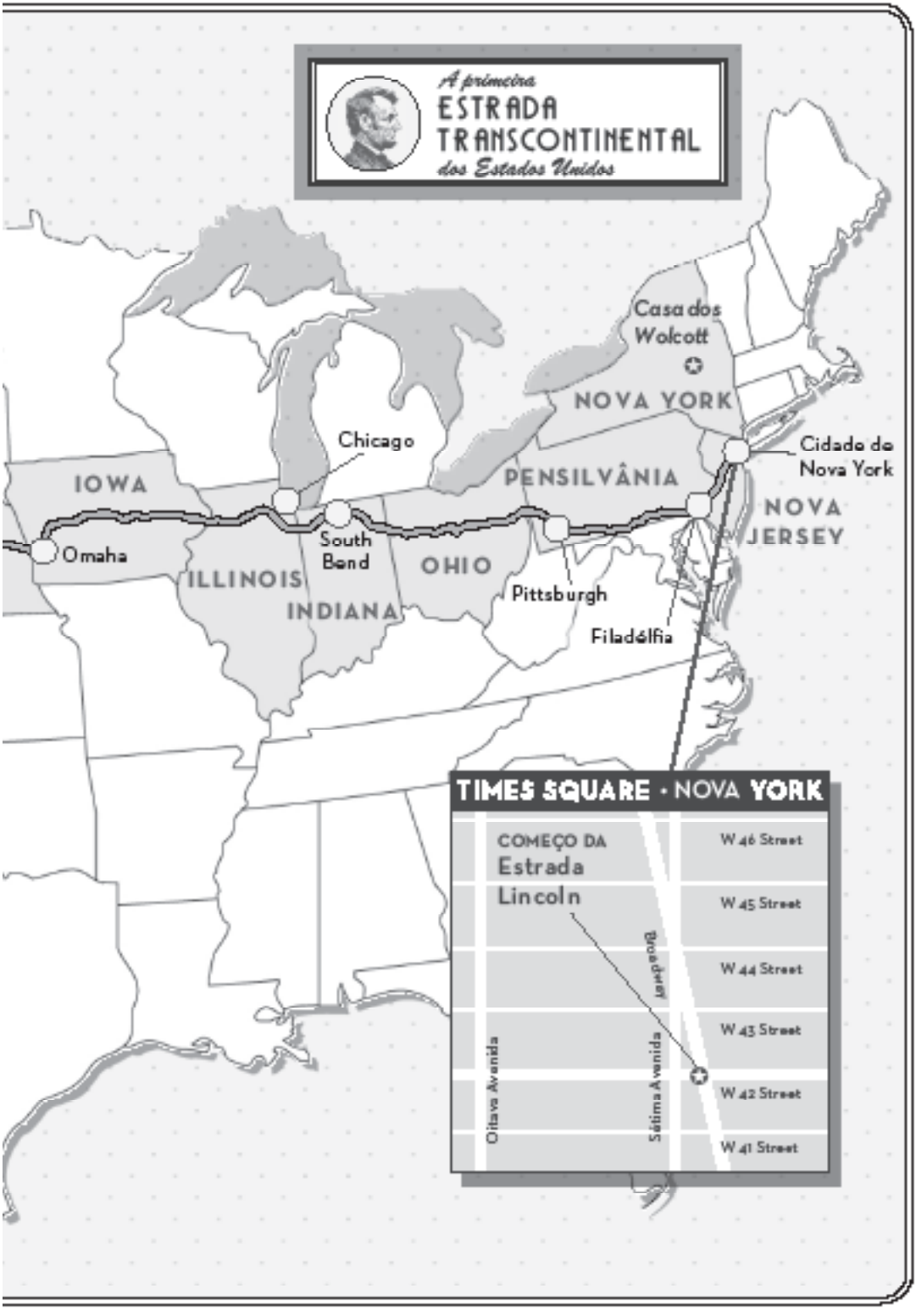
1. Ficção americana. I. Lyra, Regina. II. Título.

22-76226 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


WYOMING
CALIFÓRNIA
Rawlins
NEBRASKA
Sacramento
Reno
Rock Springs
Ogallala
Ely
Salt Lake City
Cheyenne
Casa dos Watson
São Francisco
NEVADA
UTAH
A ESTRADA
LINCOLN
A primeira a atravessar os Estados Unidos
1 polegada = 250 milhas


A primeira
ESTRADA
TRANSCONTINENTAL
dos Estados Unidos
Casa dos Wolcott
NOVA YORK
Cidade de Nova York
Chicago
IOWA
PENSILVÂNIA
NOVA JERSEY
Omaha
South Bend
ILLINOIS
OHIO
INDIANA
Pittsburgh
Filadélfia
TIMES SQUARE · NOVA YORK
COMEÇO DA
Estrada
Lincoln
W 46 Street
W 45 Street
W 44 Street
W 43 Street
W 42 Street
W 41 Street
Broadway
Oitava Avenida
Sétima Avenida

Anoitece e a terra é plana,
Rica e sombria e sempre silente;
Milhas de solo recém-arado,
Pesado, preto, cheio de força e rudeza;
O trigo cresce, cresce o mato,
Cavalos operários, homens cansados;
Longas estradas vazias,
Chamas morosas do pôr do sol que se esvai
No céu eterno, indiferente.
Contra tudo isso, Juventude...

Ó Pioneiros!,
Willa Cather

Emmett

12 de junho de 1954 — A viagem de carro de Salina a Morgen levou três horas, e, durante boa parte dela, Emmett não disse uma palavra. Nos primeiros cem quilômetros, mais ou menos, o tutor Williams tentou manter uma conversa amistosa. Contou algumas histórias da própria infância na Costa Leste e fez perguntas sobre a de Emmett na fazenda. Mas essa seria a última vez que os dois estariam juntos, e Emmett não viu muito sentido em falar disso tudo agora. Por isso, quando entraram em Nebraska após cruzarem a fronteira do Kansas e o tutor ligou o rádio, Emmett se manteve calado, contemplando a pradaria pela janela.

Haviam percorrido oito quilômetros na direção sul da cidade quando Emmett apontou para o para-brisa.

— Pegue a próxima à direita. É a casa branca, descendo a estrada uns seis quilômetros.

O tutor reduziu a velocidade e fez a curva. Passaram pela residência dos McKusker e depois pela dos Andersen, com seu par idêntico de grandes celeiros vermelhos. Mais alguns minutos e viram a casa de Emmett, ladeada por um pequeno bosque de carvalhos, a cerca de trinta metros da estrada.

Para Emmett, todas as casas nesse lado do condado pareciam ter surgido do nada, como se caídas do céu, mas a casa dos Watson aparentava ter tido uma aterrissagem mais difícil. O contorno do telhado se vergava em cada lado da chaminé e os batentes das janelas eram enviesados o suficiente para que metade delas não abrisse direito e a outra metade não fechasse direito. Logo adiante, daria para ver a pintura já descascada da

fachada. Quando, porém, estavam a cerca de trinta metros da entrada, o tutor parou no acostamento.

— Emmett — disse ele, com as mãos no volante —, antes de entrarmos, eu queria lhe dizer uma coisa.

Que o tutor Williams tivesse algo a dizer não era bem uma surpresa. Quando Emmett chegara a Salina, o tutor era um sujeito de Indiana chamado Ackerly que não tinha a tendência de dizer com palavras um conselho que pudesse ser transmitido com mais eficácia com uma vara. Mas o tutor Williams era um homem moderno, com um diploma de mestrado e boas intenções, que tinha uma foto emoldurada de Franklin D. Roosevelt pendurada atrás de sua mesa. Adquirira suas concepções nos livros e com a própria experiência, e dispunha de um amplo vocabulário para transformar em conselhos.

— Para alguns dos rapazes que vão para Salina — começou —, não importam quais tenham sido os acontecimentos que os levaram para a nossa esfera de influência, aquilo é apenas o início de uma longa jornada de uma vida conturbada. São garotos que nunca aprenderam a diferença entre o certo e o errado na infância e que veem poucos motivos para aprender isso agora. Quaisquer valores e ambições que tentemos incutir neles serão, muito provavelmente, descartados no minuto em que saírem da nossa supervisão. Infelizmente, para eles, é só uma questão de tempo até se verem num instituto penal em Topeka, ou coisa pior.

O tutor se virou para Emmett.

— O que eu quero dizer, Emmett, é que você não é um desses. Não nos conhecemos há muito tempo, mas, levando em conta o período que passamos juntos, tenho certeza de que a morte daquele garoto pesa muito na sua consciência. Ninguém imagina que o que houve naquela noite represente um sinal de maldade ou o seu caráter. Foi o lado sombrio do acaso. Mesmo assim, como sociedade civilizada, pedimos que até os que agiram sem intenção para o infortúnio de outras pessoas recebam alguma punição. É claro que parte disso é para satisfazer os que sofreram as consequências do infortúnio, como a família daquele

garoto. Mas nós também exigimos tal punição para o bem do jovem que foi o *agente* do infortúnio, para que, tendo a oportunidade de quitar sua dívida, ele também possa encontrar algum conforto, algum tipo de redenção, e começar o processo de renovação. Você me entende, Emmett?

— Sim, senhor.

— Que bom. Estou ciente de que vai precisar cuidar do seu irmão e que o futuro imediato talvez lhe pareça desanimador, mas você é um jovem brilhante, com a vida toda pela frente. Agora que quitou integralmente a sua dívida, só espero que você faça o melhor possível com a sua liberdade.

— É o que pretendo, tutor.

E, naquele momento, Emmett foi sincero. Porque concordava com a maior parte do que o tutor havia dito. Sabia de forma muito nítida que tinha a vida toda pela frente e que precisava cuidar do irmão. Sabia também que havia sido mais um agente do infortúnio do que, propriamente, seu autor. Mas não considerava ter quitado todo o seu débito, pois, por mais que o acaso tivesse seu papel nisso, quando você põe fim ao tempo de outro homem na terra com as próprias mãos, provar para o Todo-Poderoso que se é digno de misericórdia é missão para uma vida inteira.

O tutor engatou a marcha e embicou na entrada da casa dos Watson. Na clareira ao lado da varanda da frente havia dois carros: um sedã e uma picape. Estacionou ao lado da picape. Quando ele e Emmett saíram do veículo, um homem alto com um chapéu de caubói na mão atravessou a porta e a varanda.

— Oi, Emmett.

— Oi, sr. Ransom.

O tutor estendeu a mão para o rancheiro.

— Sou o tutor Williams. Foi gentileza sua se dar o trabalho de vir nos esperar.

— Trabalho nenhum, tutor.

— Suponho que conheça Emmett há um bom tempo.

— Desde o dia em que ele nasceu.

O tutor pousou a mão no ombro de Emmett.

— Então, não preciso lhe explicar que ótimo rapaz ele é. Acabei de dizer a ele no carro que, agora que quitou seu débito com a sociedade, tem a vida toda pela frente.

— Tem mesmo — concordou o sr. Ransom.

Os três ficaram ali parados sem dizer mais nada.

O tutor morava no Meio-Oeste havia menos de um ano, mas sabia, por já ter estado de pé na frente de outras varandas de casas de fazenda, que, a essa altura da conversa, era provável ouvir o convite para entrar e a oferta de algo gelado para beber, e que, quando se recebia o convite, o certo a fazer era aceitar prontamente, pois seria considerado grosseria recusar, mesmo com uma viagem de três/quatro horas pela frente. Mas nem Emmett nem o sr. Ransom fizeram menção de convidar o tutor para entrar.

— Muito bem — disse Williams, passado um instante —, acho que está na hora de encarar a viagem de volta.

Emmett e o sr. Ransom agradeceram mais uma vez ao tutor, apertaram a mão dele e depois o viram entrar no carro e partir. O tutor estava a quase quinhentos metros de distância quando Emmett indicou o sedã com a cabeça.

— Do sr. Obermeyer?

— Ele está esperando na cozinha.

— E Billy?

— Pedi a Sally para trazê-lo um pouco mais tarde, para que você e Tom possam acertar as coisas.

Emmett assentiu.

— Está pronto para entrar? — indagou o sr. Ransom.

— Quanto antes, melhor — respondeu Emmett.

Encontraram Tom Obermeyer sentado à pequena mesa da cozinha. Usava uma camisa branca de manga curta e gravata. Se também vestia pale-

tó, provavelmente o deixara no carro, porque não estava pendurado nas costas da cadeira.

Quando passaram pela porta, Emmett e o sr. Ransom devem ter pegado o banqueiro de surpresa, pois ele abruptamente arrastou a cadeira para trás, ficou de pé e estendeu a mão, tudo em um único movimento.

— Ora, oi, Emmett. Bom ver você.

Emmett apertou a mão do banqueiro sem responder.

Dando uma olhada em volta, Emmett notou que o chão fora varrido, a bancada, limpa, a pia, esvaziada e os armários estavam fechados. A cozinha parecia mais organizada do que em qualquer momento gravado em sua memória.

— Aqui — disse Obermeyer, indicando a mesa. — Por que não nos sentamos todos?

Emmett ocupou a cadeira em frente ao banqueiro. O sr. Ransom permaneceu em pé, apoiando o ombro no batente da porta. Na mesa havia uma pasta marrom cheia de papéis, pouco além do alcance do banqueiro, como se tivesse sido deixada ali por outra pessoa. O sr. Obermeyer pigarreou.

— Antes de mais nada, Emmett, deixe-me dizer que sinto muito pelo seu pai. Ele era um homem bom e moço demais para ser levado pela doença.

— Obrigado.

— Presumo que, quando você veio para o enterro, Walther Eberstadt tenha conversado com você sobre os bens de seu pai.

— Conversou — disse Emmett.

O banqueiro assentiu com uma expressão de compreensão solidária.

— Sendo assim, imagino que saiba que há três anos seu pai fez um novo empréstimo, além da velha hipoteca. Na época, ele disse que seria para melhorar o maquinário. Na verdade, desconfio de que boa parte desse empréstimo foi usada para quitar algumas dívidas antigas, porque o único maquinário novo que encontramos na propriedade foi o trator guardado no celeiro. Mas eu acho que isso não vem ao caso.

Emmett e o sr. Ransom aparentemente concordaram que isso não vinha ao caso, já que nenhum dos dois fez menção de responder nada. O banqueiro voltou a pigarrear.

— O que estou querendo dizer é que nos últimos anos as colheitas não foram como seu pai esperava, e este ano, com o falecimento dele, não haverá colheita alguma. Assim, não tínhamos alternativa senão cobrar o empréstimo. É uma coisa desagradável, eu sei, Emmett, mas quero que você entenda que não foi fácil para o banco tomar essa decisão.

— Imagino que seria uma decisão bem fácil para tomarem a esta altura — disse o sr. Ransom —, tendo em vista a imensa prática que vocês têm nesse assunto.

O banqueiro fitou o rancheiro.

— Ora, Ed, você sabe que não está sendo justo. Nenhum banco concede um empréstimo na esperança de executar a hipoteca.

O banqueiro voltou a se dirigir a Emmett:

— É da natureza de um empréstimo a exigência do pagamento devido com juros num tempo hábil. Ainda assim, quando um cliente idôneo atrasa o pagamento, tentamos ao máximo fazer concessões. Prorrogar os prazos e adiar as cobranças. Seu pai é um exemplo perfeito. Quando começou a atrasar, nós lhe demos mais tempo. E quando adoeceu, demos mais tempo ainda. Mas às vezes a má sorte de um homem se torna incontornável, por mais tempo que se dê a ele.

O banqueiro estendeu o braço e pousou a mão na pasta marrom, finalmente reivindicando-a como sua.

— Poderíamos ter esvaziado a propriedade e a posto à venda um mês atrás, Emmett. Era nosso direito fazer isso. Mas não fizemos. Esperamos que você cumprisse seu tempo em Salina e voltasse para casa para dormir na própria cama. Quisemos que você tivesse a oportunidade de ir ver a casa com seu irmão sem pressa, para organizar seus pertences pessoais. Droga, chegamos a pedir que a luz e o gás não fossem cortados e estamos pagando as contas.

— Muita gentileza sua — disse Emmett.

O sr. Ransom rosnou.

— Mas, agora que você voltou — prosseguiu o banqueiro —, o melhor para todos os envolvidos é concluirmos esse processo. Como responsável pelo patrimônio do seu pai, precisamos que você assine alguns documentos. E dentro de algumas semanas, lamento dizer, precisamos que você e seu irmão providenciem a mudança.

— Se você tem documentos para eu assinar, vamos assiná-los.

O sr. Obermeyer tirou alguns documentos da pasta. Virou-os de ponta-cabeça para que ficassem visíveis a Emmett e começou a passar as páginas, explicando a finalidade de parágrafos e incisos, traduzindo a terminologia, apontando onde assinar e onde rubricar.

— Tem uma caneta?

O sr. Obermeyer entregou a Emmett a própria caneta. Emmett assinou e rubricou os documentos sem lê-los e depois os deslizou para o outro lado da mesa.

— Só isso?

— Tem mais uma coisa — disse o banqueiro, depois de devolver os documentos à segurança da pasta. — O carro no celeiro. Quando fizemos o inventário de praxe na casa, não encontramos os documentos nem a chave.

— Para que precisa deles?

— O segundo empréstimo que seu pai pegou não foi para itens específicos de maquinário agrícola. Ele deu como garantia qualquer equipamento comprado para a fazenda, e receio que isso se estenda a veículos de uso pessoal.

— Não a esse carro.

— Ora, Emmett...

— Porque ele não é do meu pai. É meu.

O sr. Obermeyer olhou para Emmett com um misto de ceticismo e simpatia — duas emoções que na opinião do jovem não combinavam nada no rosto de alguém. Emmett tirou do bolso a carteira, pegou o documento do carro e o pôs sobre a mesa.

O banqueiro examinou o papel.

— Vejo que o carro está em seu nome, Emmett, mas acho que foi comprado pelo seu pai para você.

— Não foi.

O banqueiro buscou apoio no sr. Ransom. Sem encontrar nenhum, voltou-se para Emmett.

— Durante dois verões — disse Emmett —, eu trabalhei para o sr. Schulte e ganhei o suficiente para comprar aquele carro. Fiz madeiramento de casas. Botei telhas em telhados. Consertei varandas. Cheguei até mesmo a instalar aqueles novos armários na sua cozinha. Se não acredita em mim, pode perguntar ao sr. Schulte. Seja como for, o senhor não vai tocar nesse carro.

O sr. Obermeyer franziu a testa, mas quando Emmett estendeu a mão para o documento, o banqueiro o devolveu sem protestar. E quando partiu levando sua pasta, não lhe surpreendeu o fato de nem Emmett nem o sr. Ransom se darem o trabalho de levá-lo até a porta.

Depois que o banqueiro foi embora, o sr. Ransom saiu para aguardar Sally e Billy do lado de fora, deixando Emmett à vontade para andar pela casa.

Assim como a cozinha, Emmett encontrou a sala de estar mais arrumada que de costume — as almofadas apoiadas nos cantos do sofá, as revistas numa pequena pilha na mesinha de centro e a tampa da escrivaninha do pai baixada. Lá em cima, no quarto de Billy, a cama estava feita, as coleções de tampinhas de garrafas e penas de pássaros, impecavelmente arrumadas em suas prateleiras e uma das janelas estava aberta para arejar o cômodo. Devia haver uma janela aberta do outro lado do corredor também, porque uma corrente de ar fazia balançar os aviões de caça pendurados acima da cama de Billy: réplicas de um Spitfire, um Warhawk e um Thunderbolt.

Emmett sorriu de leve ao vê-los.

Montara aqueles aviões quando tinha mais ou menos a idade de Billy. A mãe lhe dera os kits em 1943, quando Emmett e os amigos só falavam sobre as batalhas que se desenrolavam na Europa e no Pacífico, Patton no comando do Sétimo Exército tomando de assalto as praias da Sicília e o Esquadrão Ovelha Negra de Pappy Boyinton zombando do inimigo sobre o Mar de Salomão. Emmett montara os modelos na mesa da cozinha com a precisão de um engenheiro. Pintara as insígnias e os números de série nas fuselagens com quatro vidrinhos de esmalte e um pincel fininho. Quando ficaram prontos, Emmett os alinhara sobre a escrivaninha numa fila diagonal do jeitinho como ficariam no convés de um porta-aviões.

Desde os quatro anos, Billy os admirava. Às vezes, quando voltava da escola, Emmett o encontrava em pé numa cadeira ao lado da escrivaninha falando sozinho, fingindo ser um piloto de caça. Por isso, quando o irmão fez seis anos, Emmett e o pai penduraram os aviões no teto acima da cama de Billy, como presente surpresa de aniversário.

Emmett seguiu pelo corredor até o quarto do pai, onde encontrou a mesma arrumação: a cama feita, as fotos sobre a escrivaninha espanadas, as cortinas presas dos lados com um laço. Foi até uma das janelas e olhou para as terras do pai. Depois de arados e cultivados durante vinte anos, os campos haviam sido negligenciados por uma única temporada e já dava para ver o avanço incansável da natureza — artemísia, maria-mole e vernônia se infiltrando entre a grama dos prados. Se deixados à própria sorte por mais alguns anos, ninguém seria capaz de dizer que aqueles hectares de terra algum dia haviam sido cultivados.

Emmett balançou a cabeça.

Má sorte...

Foi essa a definição do sr. Obermeyer. Uma má sorte incontornável. E o banqueiro tinha razão, até certo ponto. O pai de Emmett tinha má sorte para dar e vender mesmo. Mas Emmett sabia que esse não era todo o problema: Charlie Watson também tinha mau juízo para dar e vender.

O pai de Emmett se mudara de Boston para Nebraska em 1933, com a nova esposa e um sonho de trabalhar na terra. Ao longo das duas déca-

das seguintes, tentara cultivar trigo, milho, soja e até mesmo alfafa — e se frustrou todas as vezes. Se o cultivo que escolhia num ano precisava de muita água, lá vinham dois anos de seca. Quando trocava para um cultivo que demandava muito sol, nuvens pesadas se juntavam no céu. A natureza é impiedosa, alguém diria. É indiferente e imprevisível. Mas um fazendeiro que muda de cultivo a cada dois ou três anos? Mesmo quando ainda era garoto, Emmett reconhecia nisso um sinal de que esse homem não sabia o que estava fazendo.

Atrás do celeiro havia um maquinário especial importado da Alemanha para a colheita de sorgo. A certa altura considerado essencial, tornou-se logo desnecessário e já não era mais útil — pois o pai não tivera o bom senso de revendê-lo quando parou de cultivar sorgo. Simplesmente o deixou ali na clareira atrás do celeiro exposto à chuva e à neve. Quando Emmett tinha a idade de Billy e os amigos vinham das fazendas vizinhas para brincar — meninos que, no auge da guerra, ansiavam para subir em qualquer máquina que simulavam ser um tanque —, eles sequer punham o pé na colheitadeira, sentindo instintivamente que era uma espécie de mau presságio, imaginando que dentro daquela carcaça enferrujada existia um legado de fracasso do qual era melhor manter distância, fosse por educação ou autopreservação.

Assim, uma tarde, quando tinha quinze anos e o ano escolar já estava quase no fim, Emmett foi de bicicleta até a cidade, bateu à porta do sr. Schulte e pediu um emprego. O sr. Schulte se viu tão surpreso pelo pedido de Emmett que o sentou à mesa da sala de jantar e lhe deu uma fatia de torta. Em seguida, perguntou por que diabos um menino criado numa fazenda haveria de querer passar o verão martelando pregos.

Não foi por saber que o sr. Schulte era um sujeito amistoso ou por ele morar numa das casas mais bonitas da cidade que Emmett o procurou, mas porque concluiu que, independentemente do que acontecesse, um carpinteiro sempre teria trabalho. Por mais bem construídas que fossem as casas, elas se deterioravam. Dobradiças ficavam frouxas, assoalhos se desgastavam, telhas se deslocavam. Bastava dar uma voltinha na casa dos

Watson para atestar como o tempo tem mil e uma maneiras de cobrar seu preço numa moradia.

Nos meses de verão, havia noites carregadas de trovoadas ou com o sopro de um vento árido, nas quais Emmett ouvia o pai se remexer no quarto contíguo, incapaz de dormir — e não era para menos. Porque um fazendeiro com uma hipoteca era como um homem andando no parapeito de uma ponte com os braços abertos e os olhos fechados. Era um estilo de vida em que a diferença entre a abundância e a ruína podia ser medida por um pouquinho de chuva ou um punhado de noites com geada.

Um carpinteiro, porém, não ficava acordado à noite preocupado com o tempo. Ele *dava boas-vindas* aos excessos da natureza. Dava boas-vindas às geadas, aos temporais e aos tornados. Dava boas-vindas ao surgimento do mofo e aos ataques de pragas. Essas eram as forças naturais que lenta mas inevitavelmente corroíam a integridade de uma casa, enfraquecendo suas fundações, apodrecendo suas vigas e amolecendo o gesso.

Emmett não disse tudo isso quando o sr. Schulte lhe fez a pergunta. Pousando o garfo no prato, simplesmente respondeu:

— O que eu penso, sr. Schulte, é que Jó era quem tinha os bois e Noé, quem tinha o martelo.

O sr. Schulte deu uma gargalhada e contratou Emmett na mesma hora.

Para a maioria dos fazendeiros do condado, se seu primogênito chegasse em casa uma noite com a notícia de que arrumara um emprego de carpinteiro, ouviria uma bronca da qual não se esqueceria tão cedo. Depois, para completar, o pai iria até a casa do carpinteiro e lhe passaria um sermão — sermão para ser lembrado na próxima vez que se sentisse inclinado a interferir na criação do filho de outra pessoa.

Mas na noite em que Emmett chegou em casa e contou que tinha arranjado um emprego com o sr. Schulte, o pai não se zangou. Ouviu com atenção. Refletiu por um momento e, então, disse que o sr. Schulte era um bom homem e a carpintaria, uma atividade útil. E, no primeiro dia do

verão, preparou um café da manhã reforçado para Emmett, embrulhou um almoço para ele e depois o mandou, com sua bênção, trabalhar com outro homem num ofício diferente do seu.

E talvez esse também fosse um sinal de mau juízo.

— — —

Quando desceu as escadas de volta, Emmett encontrou o sr. Ransom sentado nos degraus da varanda com os braços apoiados nos joelhos e o chapéu ainda na mão. Emmett sentou-se ao lado e ambos olharam para os campos sem plantações. A quase um quilômetro de distância vislumbrava-se a cerca que indicava o início do rancho do homem mais velho. Pelos últimos cálculos de Emmett, o sr. Ransom tinha mais de novecentas cabeças de gado e empregava oito homens.

— Quero lhe agradecer por acolher Billy — disse Emmett.

— Acolher Billy era o mínimo que podíamos fazer. Além do mais, você pode imaginar como Sally gostou disso. Ela já está farta de cuidar da casa para mim, mas cuidar do seu irmão é outra coisa. *Todos nós* passamos a comer melhor depois da chegada do Billy.

Emmett sorriu.

— Mesmo assim. Fez uma grande diferença para Billy, e foi um conforto para mim saber que ele estava na sua casa.

O sr. Ransom assentiu, aceitando a gratidão do rapaz.

— O tutor Williams parece ser um bom homem — falou o rancheiro, passado um tempo.

— Ele é um bom homem.

— Não parece um nativo do Kansas...

— Não. Ele cresceu na Filadélfia.

O sr. Ransom girou o chapéu na mão. Emmett percebeu que o vizinho estava pensando em algo, tentando decidir como dizer ou se deveria ou não fazer isso. Talvez estivesse apenas procurando o momento certo para falar. Às vezes, porém, o momento é escolhido para você, como quando

uma nuvem de poeira ao longe na estrada indicou que a filha dele estava chegando.

— Emmett — começou o sr. Ransom —, o tutor Williams estava certo ao dizer que, no que diz respeito à sociedade, você quitou seu débito. Mas esta aqui é uma cidade pequena, um bocado menor do que a Filadélfia, e nem todos em Morgen terão a mesma opinião.

— O senhor está falando dos Snyder.

— Estou falando dos Snyder, Emmett, mas não apenas dos Snyder. Eles têm primos neste condado. Têm vizinhos e velhos amigos da família. Têm gente com quem fazem negócios e os membros da congregação. Todos sabemos que qualquer confusão em que Jimmy Snyder se envolvesse costumava ser por obra dele mesmo. Aos dezessete anos, ele era o engenheiro de uma vida cheia de montes de bosta. Mas isso não faz diferença nenhuma para os irmãos. Ainda mais depois que perderam Joe Jr. na guerra. Se não gostaram muito de você ter pegado apenas dezoito meses em Salina, ficaram enfurecidos de indignação quando souberam que o deixaram sair com uns meses de antecedência por conta do falecimento do seu pai. Provavelmente farão você sentir o peso dessa fúria tantas vezes quanto puderem. Por isso, embora você tenha a vida toda pela frente, ou exatamente por ter a vida toda pela frente, talvez fosse bom pensar em começá-la em outro lugar que não aqui.

— Não precisa se preocupar com isso — disse Emmett. — Daqui a quarenta e oito horas, espero que Billy e eu não estejamos mais em Nebraska.

O sr. Ransom assentiu.

— Como seu pai não deixou muito, eu gostaria de dar a vocês dois alguma coisa para ajudar nesse começo.

— Eu não poderia aceitar o seu dinheiro, sr. Ransom. O senhor já fez demais por nós.

— Então, considere isso um empréstimo. Você pode me devolver assim que se estabelecer.

— Por enquanto — observou Emmett —, acho que os Watson já bateram a cota de empréstimos.

O sr. Ransom sorriu e assentiu. Então, ficou de pé e pôs o chapéu na cabeça enquanto a velha picape que chamavam de Betty rugia pela entrada dos carros com Sally ao volante e Billy no banco do carona. Antes que ela parasse com um estampido do cano de descarga, Billy já abria a porta e pulava do veículo. Com uma mochila de lona que ia dos ombros até o traseiro, passou correndo pelo sr. Ransom e envolveu com os braços a cintura de Emmett.

Emmett se agachou para poder abraçar o irmão menor.

Sally se aproximava agora num vestido de domingo alegremente colorido com uma assadeira na mão e um sorriso nos lábios.

Com condescendência, o sr. Ransom registrou o vestido e o sorriso.

— Ora, ora — disse Sally —, vejam quem está aqui. Não sufoque seu irmão, Billy.

Emmett ficou em pé e pôs a mão na cabeça do irmão.

— Oi, Sally.

Como era de costume quando estava nervosa, Sally foi direto ao assunto.

— A casa foi varrida e todas as camas foram feitas. Tem sabonete novo no banheiro e manteiga, leite e ovos na geladeira.

— Obrigado — disse Emmett.

— Sugeri que vocês dois jantassem conosco, mas Billy insistiu para que façam a sua primeira refeição em casa. Então, como você acabou de chegar, fiz um ensopado para os dois.

— Não precisava ter tido esse trabalho, Sally.

— Trabalho ou não, aqui está. Tudo que você precisa fazer é pôr no forno a cento e oitenta graus durante quarenta e cinco minutos.

Quando Emmett pegou a assadeira, Sally balançou a cabeça.

— Eu deveria ter anotado.

— Acho que Emmett vai ser capaz de se lembrar das instruções — interveio o sr. Ransom. — Se não lembrar, Billy vai, com certeza.

— Pôr no forno a cento e oitenta graus durante quarenta e cinco minutos — repetiu Billy.

O sr. Ransom virou-se para a filha.

— Garanto que esses garotos estão ansiosos para botar o assunto em dia, e nós precisamos ver umas coisas em casa.

— Vou entrar só um instante para checar se tudo...

— Sally — insistiu o sr. Ransom de um jeito que não admitia réplica.

Sally apontou para Billy e sorriu.

— Comporte-se, criança.

Emmett e Billy observaram os Ransom entrarem nos respectivos veículos e irem embora pela estrada. Então, Billy se virou para Emmett e o abraçou de novo.

— Que bom que você está em casa, Emmett.

— Também estou feliz de estar em casa, Billy.

— Você não vai ter que voltar para Salina desta vez, vai?

— Não. Nunca mais vou ter que voltar para Salina. Venha.

Billy soltou Emmett e os irmãos entraram em casa. Na cozinha, Emmett abriu a geladeira e enfiou a assadeira com o ensopado numa das prateleiras inferiores. Na primeira prateleira estavam o leite, a manteiga e os ovos prometidos. Havia também um pote de molho de maçã e outro de pêssegos em calda, tudo feito em casa.

— Quer comer alguma coisa?

— Não, Emmett, obrigado. Sally fez para mim um sanduíche de manteiga de amendoim logo antes de sairmos.

— Que tal um copo de leite?

— Claro.

Enquanto Emmett punha os copos de leite na mesa, Billy tirou das costas a mochila e a colocou numa cadeira vazia. Desafivelou a aba de cima e cuidadosamente pegou e abriu um embrulhinho envolto em papel-alumínio, no qual havia oito cookies. Botou dois na mesa, um para Emmett e outro para si mesmo. Depois fechou o embrulho e devolveu o restante dos cookies à mochila, aí reafivelou a aba e voltou a se sentar.

— Mochila bacana — disse Emmett.

— É uma mochila oficial do Exército americano — respondeu Billy —, embora chamem apenas de mochila militar, porque nunca chegou a

ir para a guerra, na verdade. Comprei na loja do sr. Gunderson. Também consegui uma lanterna militar, uma bússola militar e um relógio militar.

Billy estendeu o braço para mostrar o relógio, folgado em seu pulso.

— Tem até um ponteiro de segundos.

Depois de demonstrar seu apreço pelo relógio, Emmett deu uma mordida no cookie.

— Gostoso. Gotas de chocolate?

— Isso. Foi Sally que fez.

— Você ajudou?

— Lavei a tigela.

— Aposto que sim.

— Sally fez um tabuleiro cheio, na verdade, mas o sr. Ransom disse que ela estava exagerando, por isso ela falou que só daria quatro para a gente, mas, escondido, ela deu oito.

— Sorte a nossa.

— Melhor do que ganhar só os quatro. Mas não tão bom quanto ganhar o tabuleiro inteiro.

Enquanto sorria e tomava um gole de leite, Emmett avaliou o irmão por cima da borda do copo. O menino crescera uns três centímetros e o cabelo estava mais curto, como seria de se imaginar na casa dos Ransom, mas de resto parecia igual: o mesmo corpo e espírito. Para Emmett, deixar Billy havia sido a pior parte da ida para Salina, por isso ficava feliz de encontrá-lo tão pouco mudado. Ficava feliz de poder sentar-se com ele à velha mesa da cozinha. Dava para ver que Billy se sentia feliz por isso também.

— O ano acabou bem na escola? — indagou Emmett, abaixando o copo.

Billy fez que sim.

— Tirei 105 na prova de geografia.

— 105!

— Geralmente, não se tira 105 — explicou Billy. — Geralmente, o máximo que dá para tirar é 100.

— Então, como foi que você arrancou esses 5 pontos a mais da sra. Cooper?

— Tinha uma questão que valia pontos extras.

— Qual foi a questão?

Billy recitou de cor:

— *Qual é o prédio mais alto do mundo?*

— E você sabia a resposta?

— Sabia.

...

— Não vai me dizer?

Billy balançou a cabeça.

— Isso seria cola. Você vai ter que aprender sozinho.

— Muito justo.

Passado um momento de silêncio, Emmett percebeu que estava olhando fixo para o leite. Agora era ele quem estava pensando em algo. Era ele quem tentava decidir como ou quando dizer, ou se dizia.

— Billy — começou. — Não sei o que o sr. Ransom disse para você, mas não vamos mais poder continuar morando aqui.

— Eu sei — disse Billy. — Tomaram a nossa casa.

— Isso mesmo. Você entende o que isso significa?

— Significa que agora ela é do banco.

— Isso mesmo. Embora o banco fique com ela, a gente poderia ficar em Morgen. A gente poderia morar com os Ransom durante algum tempo. Eu poderia voltar a trabalhar para o sr. Schulte, no outono você voltaria para a escola e um dia a gente teria dinheiro para comprar a nossa própria casa. Mas andei pensando que talvez fosse uma boa hora para você e eu tentarmos alguma coisa nova...

Emmett havia refletido um bocado sobre como abordar o assunto, porque temia que Billy ficasse atordoado com a perspectiva de ir embora de Morgen, sobretudo tão pouco tempo após a morte do pai. Mas Billy não se mostrou nem um pouco atordoado.

— Andei pensando a mesma coisa, Emmett.

— Sério?

Billy assentiu, demonstrando certo entusiasmo.

— Sem o papai aqui e com a casa tomada pelo banco, não precisamos ficar em Morgen. Podemos fazer as malas e ir de carro para a Califórnia.

— Acho que estamos de acordo — concordou Emmett com um sorriso. — A única diferença é que acho que deveríamos nos mudar para o Texas.

— Ah, não! Não podemos nos mudar para o Texas — falou Billy, balançando a cabeça.

— Por que não?

— Porque precisamos nos mudar para a Califórnia.

Emmett começou a falar, mas Billy já se levantara e agora mexia na mochila. Dessa vez, abriu o bolso frontal, tirou dele um envelope pardo e voltou para a cadeira. Enquanto desenrolava a linha vermelha que fechava a aba do envelope, começou a explicar.

— Depois do enterro do papai, quando você voltou para Salina, o sr. Ransom mandou a gente vir aqui em casa procurar documentos importantes, Sally e eu. Na última gaveta da escrivaninha do papai, encontramos uma caixa de metal. Não estava trancada, mas era o tipo de caixa que *podia* ser trancada se o dono quisesse. Dentro, achamos documentos importantes, exatamente como o sr. Ransom tinha dito, tipo nossas certidões de nascimento e a certidão de casamento do papai e da mamãe. Mas no fundo, bem no fundinho da caixa, eu achei isto aqui.

Billy virou o envelope de cabeça para baixo em cima da mesa e dele caíram nove cartões-postais.

Emmett percebeu pelo estado dos cartões que não eram nem muito velhos, nem muito novos. Alguns eram fotos e outros, ilustrações, mas todos coloridos. O primeiro trazia a foto do Welsh Motor Court em Ogallala, Nebraska — um hotel de aparência moderna, com alojamentos brancos e plantas à margem da entrada, além de um mastro em que tremulava a bandeira americana.

— São cartões-postais — disse Billy. — Para nós dois. Da mamãe.

Emmett foi pego de surpresa. Fazia quase oito anos desde que a mãe os colocara na cama, dera um beijo de boa-noite e saíra porta afora — e eles não ouviram mais falar dela. Nenhum telefonema. Nenhuma carta. Nenhum embrulho de presente chegando para o Natal. Nem mesmo um mexerico de alguém que por acaso tivesse ouvido alguma coisa de um outro alguém. Ao menos era nisso que Emmett acreditara até agora.

Emmett pegou o cartão do Welsh Motor Court e o virou para ver o verso. Como disse Billy, estava endereçado a ambos na elegante caligrafia da mãe. Por ser um postal, o texto se limitava a poucas linhas, que expressavam o quanto ela já sentia falta dos dois, embora só estivesse longe havia um dia. Emmett pegou outro cartão da pilha. No canto superior esquerdo, via-se um caubói montado num cavalo. O laço que ele girava em espiral se estendia para escrever *Saudações de Rawlins, Wyoming — a Metrópole das Planícies*. Emmett virou o cartão. Em seis frases, incluindo uma que dava a volta no canto inferior direito, a mãe dizia que embora ainda não tivesse visto um vaqueiro com um laço em Rawlins, já vira um monte de vacas. Concluía mencionando mais uma vez o quanto amava os filhos e que sentia saudade dos dois.

Emmett examinou os demais cartões sobre a mesa, registrando o nome de várias cidades, hotéis e restaurantes, paisagens e pontos turísticos, e reparou que todas as fotos, salvo uma, prometiam um brilhante céu azul.

Consciente de que o irmão o observava, Emmett manteve uma expressão imperturbável. Mas o que sentiu foi a pontada do ressentimento — ressentimento contra o pai. Ele devia ter interceptado os cartões e escondido-os. Por mais furioso que estivesse com a esposa, não tinha o direito de ocultá-los dos filhos, certamente não de Emmett, já grande o bastante para conseguir lê-los. Mas a pontada não durou mais do que um momento, pois ele sabia que o pai fizera a única coisa sensata a se fazer. Afinal, que bem faria o recebimento ocasional de um punhado de frases escritas no verso de um pequeno cartão por uma mulher que voluntariamente abandonara os próprios filhos?

Emmett pousou o cartão de Rawlins de volta na mesa.

— Você lembra que a mamãe nos deixou no dia 5 de julho? — perguntou Billy.

— Lembro.

— Ela nos escreveu um cartão-postal por dia durante os nove dias seguintes.

Emmett pegou novamente o cartão de Ogallala e verificou logo acima do lugar onde a mãe escrevera *Queridos Emmett e Billy*, mas não havia data.

— A mamãe não escreveu as datas — explicou Billy. — Mas dá para saber pelos carimbos dos correios.

Billy pegou o cartão de Ogallala da mão de Emmett, espalhou todos os cartões na mesa com o verso virado para cima e apontou cada um dos carimbos.

— Olhe, 5 de julho, 6 de julho. Não tem o do dia 7 de julho, mas tem dois do dia 8. É porque em 1946 o dia 7 de julho caiu num domingo e o correio fecha aos domingos, por isso ela precisou mandar dois cartões na segunda-feira. Mas olhe só isso.

Billy foi de novo até o bolso frontal da mochila e tirou dali algo que parecia um panfleto. Quando o abriu na mesa, Emmett viu que se tratava de um mapa rodoviário dos Estados Unidos da Phillips 66. Atravessando todo o centro do mapa havia uma estrada que fora destacada com tinta preta por Billy. Na metade oeste do país, os nomes de nove cidades ao longo da rota tinham sido circulados.

— Esta é a estrada Lincoln — explicou Billy, apontando para a comprida linha preta. — Foi aberta em 1912 e o nome é uma homenagem a Abraham Lincoln. Foi a primeira estrada a atravessar os Estados Unidos de um lado ao outro.

A partir do litoral atlântico, Billy começou a seguir a estrada com a ponta do dedo.

— Ela começa na Times Square, em Nova York, e acaba 5.450 quilômetros depois, no Lincoln Park, em São Francisco. E atravessa a Central City, a apenas quarenta quilômetros da nossa casa.

Billy fez uma pausa para deslizar o dedo da Central City até a estrelinha preta que desenhara no mapa para representar a casa deles.

— Quando a mamãe foi embora no dia 5 de julho, foi esse o caminho que ela fez...

Billy começou a enfileirar os cartões na parte inferior do mapa numa progressão rumo ao Oeste, colocando cada um abaixo da cidade correspondente.

Ogallala.

Cheyenne.

Rawlins.

Rock Springs.

Salt Lake City.

Ely.

Reno.

Sacramento.

Até o último cartão, que mostrava um prédio grande e clássico erguendo-se acima de uma fonte num parque em São Francisco.

Billy suspirou, satisfeito, ao ver os cartões arrumados em ordem na mesa. O acervo todo deixou Emmett desconfortável, como se estivessem olhando a correspondência particular de outra pessoa — algo que não era da conta deles.

— Billy — disse Emmett —, não sei se deveríamos ir para a Califórnia...

— Temos que ir para a Califórnia, Emmett. Não está vendo? Foi por isso que ela nos mandou os cartões. Para que a gente pudesse ir atrás dela.

— Mas faz oito anos que ela não manda cartão nenhum.

— Porque ela parou de viajar no dia 13 de julho. Só precisamos pegar a estrada Lincoln até São Francisco. Ela está lá.

O instinto imediato de Emmett foi dizer ao irmão algo sensato e que o dissuadisse. Explicar que a mãe não necessariamente havia parado em São Francisco. Que ela bem podia ter seguido em frente — e provavelmente fizera isso. E que, embora talvez tivesse pensado nos filhos naquelas primeiras nove noites, tudo indicava que desde então não pensara

mais. Mas, no fim das contas, se contentou em dizer que, mesmo que a mãe estivesse em São Francisco, seria quase impossível achá-la.

Billy assentiu com a expressão de alguém que já tinha pensado nisso.

— Lembra que você me disse que a mamãe gostava tanto de fogos que levava a gente até Seward no feriado de 4 de Julho só para ver aquela baita queima?

Emmett não se lembrava de ter dito isso ao irmão — e, de todo jeito, não conseguia imaginar jamais ter sentido vontade de fazê-lo. Mas não podia negar que era verdade.

Billy estendeu a mão para pegar o último cartão, o que exibia o prédio clássico e a fonte. Virando-o, passou o dedo pela caligrafia da mãe.

Este é o Palácio da Legião de Honra no Lincoln Park de São Francisco, e todo ano, no 4 de Julho, acontece aqui a maior queima de fogos de toda a Califórnia!

Billy ergueu os olhos para o irmão.

— Ela vai estar lá, Emmett. Na queima de fogos no Palácio da Legião de Honra no 4 de Julho.

— Billy...

Mas Billy, já percebendo o ceticismo na voz do irmão, começou a balançar a cabeça com veemência. Depois, tornando a olhar para o mapa na mesa, correu o dedo sobre a rota feita pela mãe.

— Ogallala até Cheyenne, Cheyenne até Rawlins, Rawlins até Rock Springs, Rock Springs até Salt Lake City, Salt Lake City até Ely, Ely até Reno, Reno até Sacramento e Sacramento até São Francisco. É o caminho que a gente vai fazer.

Emmett se recostou na cadeira e refletiu.

Não escolhera o Texas ao acaso. Ponderara cuidadosa e sistematicamente para onde deveria ir com o irmão. Passara horas na pequena biblioteca de Salina folheando as páginas do almanaque e dos volumes da enciclopédia até que a resposta se tornasse absolutamente nítida. Mas Billy andara seguindo uma linha de raciocínio própria, tão cuidadosa e sistematicamente quanto seu irmão, e para ele sua resposta tinha a mesmíssima nitidez.

— Tudo bem, Billy, vamos fazer uma coisa. Por que você não guarda os cartões no envelope e me dá um tempinho para pensar no que falou?

Billy começou a fazer que sim com a cabeça.

— Essa é uma boa ideia, Emmett. Essa é uma boa ideia.

Recolhendo os cartões em sua ordem leste-para-oeste, Billy enfiou-os no envelope, enrolou a linha vermelha para fechá-lo direitinho e colocou-o de volta na mochila.

— Pense um pouco nisso, Emmett. Você vai se dar conta.

— — —

No andar de cima, enquanto Billy se ocupava no próprio quarto, Emmett tomou uma chuveirada longa e quente. Quando acabou, catou as roupas do chão — que vestira tanto para ir para Salina quanto para voltar de lá —, tirou o maço de cigarros do bolso da camisa e jogou as peças no lixo. Passado um instante, jogou os cigarros também, assegurando-se de deixá-los por baixo das roupas.

No quarto, vestiu uma calça jeans e uma camisa de brim limpas, mais o cinto e as botas favoritas. Abriu a gaveta de cima da cômoda, pegou um par de meias dobrado como uma bola. Desenrolando as meias, sacudiu-as até delas surgirem as chaves do carro. Então, atravessou o corredor e deu uma espiada no quarto do irmão.

Billy estava sentado no chão ao lado da mochila. Tinha no colo a velha lata de metal azul para tabaco decorada com o retrato de George Washington, enquanto sobre o tapete todos os seus dólares de prata estavam organizados em colunas e fileiras.

— Parece que você achou mais alguns na minha ausência — observou Emmett.

— Três — respondeu Billy, enquanto colocava um dos dólares no lugar.

— Quantos faltam?

Com o indicador, Billy apontou os lugares vazios na fila.

— 1881, 1894, 1895, 1899, 1903.

— Você está quase completando.

Billy assentiu, concordando.

— Mas 1894 e 1895 vão ser muito difíceis de achar. Tive sorte de encontrar 1893.

Billy ergueu os olhos para o irmão.

— Você andou pensando sobre a Califórnia, Emmett?

— Andei pensando, mas preciso pensar um pouco mais.

— Tudo bem.

Enquanto Billy voltava a atenção para os dólares de prata, Emmett examinou o quarto do irmão pela segunda vez naquele dia, de novo registrando as coleções impecavelmente arrumadas nas prateleiras e os aviões pendurados acima da cama.

— Billy...

Billy tornou a fitá-lo.

— Independentemente de irmos para o Texas ou para a Califórnia, acho que devemos levar pouca bagagem, já que pretendemos começar do zero.

— Andei pensando a mesma coisa, Emmett.

— Sério?

— O professor Abernathe diz que o viajante intrépido quase sempre leva o pouco que cabe numa mochila. Foi por isso que comprei minha mochila na loja do sr. Gunderson. Para me preparar para partir assim que você chegasse. Ela já contém tudo de que preciso.

— Tudo?

— Tudo.

Emmett sorriu.

— Vou até o celeiro dar uma checada no carro. Quer vir?

— Agora? — indagou Billy, surpreso. — Calma aí! Espere um segundo! Não vá sem mim!

Depois de arrumar com cuidado as moedas em ordem cronológica, Billy as recolheu e começou a despejá-las na lata de tabaco o mais rápido possível. Ao fechar a tampa, ele guardou a lata de volta na mochila e

pendurou a mochila nas costas. Então, desceu na frente do irmão e saiu porta afora.

Ao cruzarem o quintal, Billy olhou por cima do ombro e relatou que o sr. Obermeyer pusera um cadeado nas portas do celeiro, mas Sally o arrombara com um pé de cabra que mantinha na traseira da picape.

Obviamente, na porta do celeiro encontraram o suporte — com o cadeado ainda preso a ele — pendendo frouxamente dos parafusos. Dentro, o ar era quente e familiar, cheirando a gado, embora não houvesse gado na fazenda desde que Emmett era criança.

Emmett esperou seus olhos se adaptarem ao escuro. Diante dele estava o novo trator e, atrás, uma colheitadeira velha caindo aos pedaços. Foi até os fundos do celeiro e se deteve ante um grande objeto coberto com uma lona.

— O sr. Obermeyer tirou a capa — explicou Billy —, mas Sally e eu botamos de volta.

Pegando a lona pela extremidade, Emmett puxou-a com ambas as mãos e ela se amontoou a seus pés. Ali, aguardando no lugar exato onde o deixara quinze meses antes, estava o seu Studebaker Land Cruiser 1948 azul-claro de quatro portas.

Depois de passar a palma da mão pela superfície do capô, Emmett abriu a porta do motorista e entrou. Ficou sentado por um momento com as mãos no volante. Quando o comprara, o carro já tinha quase cento e trinta mil quilômetros rodados, amassados no capô e marcas de cigarro no estofado dos bancos, mas funcionava bem o bastante. Pegou a chave no bolso, girou-a na ignição e empurrou o botão de arranque, pronto para o ruído tranquilizador do motor — mas só ouviu o silêncio.

Billy, que se mantinha distante, se aproximou com cautela.

— Está quebrado?

— Não, Billy. A bateria deve ter descarregado. Acontece quando se deixa um carro parado por muito tempo. Mas é coisa fácil de resolver.

Aliviado, Billy se sentou num fardo de feno e tirou a mochila das costas.

— Quer outro cookie, Emmett?

— Não, obrigado, mas coma você.

Enquanto Billy abria a mochila, Emmett desceu do carro, foi até a traseira e abriu o porta-malas. Satisfeito por a tampa aberta bloquear a visão do irmão, Emmett removeu o feltro que cobria o buraco onde estava acomodado o estepe e passou a mão suavemente sobre a curva externa do pneu. Na parte de cima, encontrou o envelope com seu nome, exatamente onde o pai dissera que estaria. Dentro, havia um bilhete com a caligrafia do pai.

Mais uma missiva manuscrita de outro fantasma, pensou Emmett.

Querido filho,

Quando você ler isto, imagino que a fazenda já esteja nas mãos do banco. Talvez você esteja zangado ou decepcionado comigo, e não o culparia por isso.

Você se chocaria se soubesse quanto meu pai me deixou quando morreu, quanto meu avô deixou para meu pai e quanto meu bisavô deixou para meu avô. Não apenas títulos e ações, mas casas e quadros também. Mobília, louças e talheres. Títulos de clubes e sociedades. Esses três homens eram devotos da tradição puritana de se mostrar dignos dos favores do Senhor deixando mais para os filhos do que havia sido deixado para eles próprios.

Nesse envelope, você vai encontrar tudo que tenho para deixar para vocês — dois legados, um grande e outro pequeno, ambos uma espécie de sacrilégio.

Enquanto escrevo este bilhete, me envergonha um pouco saber que, ao levar a vida que levei, quebrei o ciclo virtuoso de prosperidade estabelecido pelos meus antepassados. Ao mesmo tempo, me enche de orgulho saber que vocês, sem dúvida, haverão de conquistar mais com esta pequena lembrança do que eu poderia ter conquistado com uma fortuna.

Com amor e admiração,

Seu pai,

Charles William Watson

Anexado ao bilhete com um clipe estava o primeiro dos dois legados: uma única página arrancada de um livro antigo.

O pai de Emmett não era do tipo que brigava feio com os filhos, nem mesmo quando eles mereciam. Na verdade, a única vez que Emmett se lembrava de ter visto o pai completamente furioso com ele foi quando levara uma suspensão na escola por ter estragado um livro escolar. Como o pai deixou dolorosamente claro naquela noite, danificar as páginas de um livro equivalia a adotar o comportamento de um visigodo. Era desferir um golpe contra a mais sagrada e nobre das conquistas do homem: a capacidade de registrar as ideias e os sentimentos mais sublimes para que pudessem ser partilhados ao longo das eras.

Para o pai, arrancar uma página de qualquer livro constituía um sacrilégio. Mais chocante ainda era o fato de que a página havia sido arrancada de *Ensaios*, de Ralph Waldo Emerson — livro pelo qual o pai nutria mais estima do que por qualquer outro. Próximo ao pé da página, o pai sublinhara cuidadosamente um trecho em tinta vermelha.

> *Existe um momento na educação de todo homem em que ele se convence de que inveja é ignorância; que imitação é suicídio; que ele precisa se assumir, para o bem e para o mal, como seu quinhão; que, embora o universo esteja cheio de coisas boas, grão algum de alimento ele obterá, salvo por meio do trabalho que investir naquele pedaço de terra que recebeu para cultivar. O poder que nele reside é novo na natureza e ninguém além dele sabe o que lhe é possível fazer, nem ele há de saber até que tenha tentado.*

Emmett reconheceu de imediato que esse trecho de Emerson representava duas coisas ao mesmo tempo. Primeiro, se tratava de uma justificativa. Era uma explicação do porquê, contrariando o bom senso, o pai abandonara as casas e os quadros, os títulos de clubes e sociedades, para partir rumo a Nebraska e cultivar a terra. O pai lhe deixara essa página como prova — como se fosse um decreto divino — de que não lhe restara escolha.

Mas se, por um lado, era uma justificativa, por outro, era uma exortação — uma exortação para que Emmett não sentisse remorso ou culpa, nem hesitasse em dar as costas aos cento e vinte hectares aos quais o pai dedicara metade da vida, desde que os abandonasse a fim de correr atrás, sem inveja ou imitação, do próprio quinhão e assim descobrisse aquilo que só ele era capaz de fazer.

Enfiado no envelope atrás da página de Emerson estava o segundo legado: um maço de notas novas de vinte dólares. Passando o polegar nas extremidades limpas e intocadas, Emmett calculou que houvesse ali, ao todo, umas cento e cinquenta notas, totalizando três mil dólares.

Embora entendesse por que o pai considerava a página arrancada um sacrilégio, Emmett não podia concordar que as notas também o fossem. Provavelmente pensara isso por estar legando aquele dinheiro às escondidas dos credores. Ao fazer isso, agira indo de encontro à sua obrigação legal e também contrariando a sua ética. Mas, depois de pagar os juros sobre a hipoteca durante vinte anos, o pai de Emmett já havia pagado o dobro do preço da fazenda. Pagara também com trabalho duro e decepção, com o casamento e, finalmente, com a própria vida. Assim, separar aqueles três mil dólares não constituía um sacrilégio aos olhos de Emmett. Na sua opinião, o pai tinha merecido cada centavo.

Puxando uma nota do maço e botando-a no bolso, Emmett devolveu o envelope ao lugar onde estava sobre o estepe e tornou a cobri-lo com o feltro.

— Emmett... — chamou Billy.

Emmett fechou o porta-malas e olhou para Billy, mas o irmão não estava olhando para ele, mas para duas figuras de pé à porta do celeiro. Com a luz do entardecer às costas de ambas, Emmett não identificou quem eram. Ao menos não até a mais magrela, à esquerda, estender os braços e dizer:

— Tcharan!

Em junho de 1954, Emmett Watson, um jovem de dezoito anos, é levado para casa, em Nebraska, Estados Unidos, pelo tutor da instituição juvenil onde ficou internado por quinze meses após ter cometido um homicídio culposo. Sem a mãe, que foi embora de sua vida anos antes; o pai, que morreu recentemente de câncer; e a propriedade da família, tomada pelo banco, Emmett só quer pegar o irmão mais novo, Billy, e partir para a Califórnia, onde poderão começar uma nova vida.

Mas quando o tutor Williams vai embora, Emmett se depara com dois amigos da instituição – o astuto e carismático Duchess e o zeloso e nada convencional Woolly –, clandestinos escondidos no porta-malas do carro que o trouxera. Agora, juntos, os quatro vão pegar a estrada e terão que conciliar os diferentes planos para o futuro – um dos quais os levará a uma fatídica jornada na direção oposta, rumo a Nova York.

O novo livro de Amor Towles, que se passa em dez dias corridos e é contado a partir de vários pontos de vista, é uma história de múltiplas camadas sobre infortúnios e autodescoberta. A gama de personagens, desde andarilhos que vivem sobre trilhos e grandes apreciadores de Shakespeare a aristocratas de áreas sofisticadas dos Estados Unidos, compõe um eclético mosaico. Uma empolgante e animada aventura sobre rodas, *A estrada Lincoln* é um romance tão intenso, arrebatador e tocante quanto os leitores de Towles esperam.

Saiba mais:
www.intrinseca.com.br/livro/1188/